

N.º
10

ILMA
NOVA

ESC.
1\$50



ANUNCIAR NA "ALMA NOVA" É DAR UMA NOVA ALMA A TODOS OS NEGÓCIOS

A NOSSA REVISTA VAI A TODOS OS PONTOS DO PAIS, ILHAS E COLONIAS
TODO O ASSINANTE QUE NOS OBTIVER 5 NOVOS ASSINANTES TERÁ 50% DE DESCONTO NA SUA ASSINATURA; O QUE NOS OBTIVER 10, RECEBERÁ UMA ASSINATURA GRÁTIS

S U M Á R I O

CAPA: *Homem Cristo (Filho)* Fotografia; CAMINHO A SEGUIR, Redacção; A QUINZENA, Notas e comentarios á vida politica e mental, por *Emilio Salgueiro*; FIGURAS E FACTOS, HOMEM CRISTO (FILHO), UM GRITO DE REVOLTA, ENSINO RELIGIOSO, PRAIAS E TERMAS, Redacção; OS NOSSOS INQUETOS: Vantagens e inconvenientes do «Sagrado Profissional», respostas; PONTOS DE VERANEIO: Cintra: versos de *Oliva Guerra*; PAGINA FILOLÓGICA: Forçando a Gramática, por *A. da Costa Leão*; ASPECTOS E PAISAGENS DO ALGARVE, Redacção; OS NOSSOS ARTISTAS DO RETRATO: Martinho da Fonseca, por *M. M.*; LETRAS: O eterno baile de Salomé, por *Veleriano de Campos*; TELAS CAMPESINAS (Através do Alentejo), por *João de Sousa*; ETNOGRAFIA: Alminhas do Minho, por *V. Amaral*; OS NOSSOS ESCRITORES: Antero de Quental; II-O Seu Fisico, por *Nuno Catarino Cardoso*; VERSOS INÉDITOS. de *Carlos Lemos*; NOTAS SCIENTIFICAS, de *M. F.*; ILHAS: Açoreanos Ilustres—O Marquês de Jacome Corrêa. PAGINA INFANTIL: Aventuras de Qui-qui-ri-qui, excerto, por *Branca Lopes*; FOTOGRAVURAS PESSOAIS DE: José Campas, Salema Vaz, Alves Reis, Algarvia, Dr. Antonio Ferreira Monteiro, Albino Forjaz de Sampaio, Martinho da Fonseca e Marquês de Jacome Corrêa. ASPECTOS, MONUMENTOS E PAISAGENS: Liceu de Setubal, Castelo de Leiria (Capela Mór), O Castelo dos Mouros e a Pena (Cintra), Vista panorâmica de St. Antonio do Alto (Faro) e Olhos d'agua (Albufeira). ILUSTRAÇÕES E VINHETAS, de *Alfredo Moraes, Roberto Nobre e V. Amaral*,
PÁGINA ARTÍSTICA (HOR-TEX): AVES RARAS... quadro de *Martinho Fouseca*.

A melhor e mais completa preparação de saes calcicos



SILICALCINA (REGISTADO)

O melhor medicamento na cura do tuberculose, raquitismo, linfatisimo, anemia, neurostenio, fraqueza geral e no convalescenço de todos os doencos

ABRE O APETITE E AUMENTA A NUTRIÇÃO

À VENDA

FARMACIA CUNHA

R. do Escola Politecnica, 18

FARMACIA BARRAL

Ruo do Ouro — LISBOA

A PORTUGALIA

FABRICA DE CHAPEUS

R. da Metade, n.º 9 (á Rua de S. José)

Chapeus de feltro para homem e senhora
Chapeus de palha para homem, senhora e creança.

FABRICAÇÃO ESMERADA

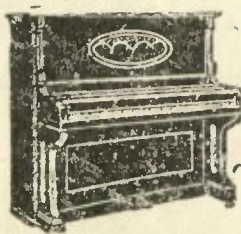
Preços sem competencia

Sucursaes de vendas directas ao publico

1.ª Sucursal—12 C, Av. Almirante Reis, 12, D

2.ª " —58, R. Alves Correia e R. do Telhal, 4

3.ª " —68, R. dos Cavaleiros, 70



C A R L H A R D T

STUTTGART

FABRICANTE DESDE 1855

SONORIDADE AVELUDADA, TECLADO FACIL.

TODAS AS NUANCES D'EXPRESSÃO OBTIDAS N'ESTES PIANOS

GARANTIA DE 10 ANOS

ORGÃOS ALEMÃES DE VIAGEM E PARA SALA OU TEATRO

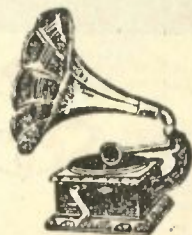
GRAMOFONES PORTATEIS DE TODOS OS MODELOS, COLUMBIA, HOMOCORD, ETC.

DISCOS, MUSICAS E ROLOS D'AUTO PIANOS

INSTRUMENTOS MUSICOS E ACESSORIOS

CUSTODIO CARDOSO PEREIRA L. DA

11, RUA DO CARMO — LISBOA



DIRECTOR-FUNDADOR: MATEUS MORENO
 DIRECTOR-LITERÁRIO: EMILIO SALGUEIRO
 SECR. DA REDACÇÃO: JOÃO FARMHOUSE
 REPRESENTANTES E AGENTES EM TODO
 O PAÍS, ILHAS E COLÓNIAS

EDITOR E ADMINISTRADOR: M. B. CARMONA
 PROPRIEDADE DA EMPRESA "ALMA NOVA"
 REDACÇÃO ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS
 263-R. ESCOLA POLITÉCNICA, 267-LISBOA
 TELEFONE NORTE



ALMA NOVA

REVISTA QUINZENAL DE RESSURGIMENTO, VIDA MODERNA E CULTURA

NUM. 10

LISBOA, 15 DE AGOSTO DE 1926

IV SERIE



CAMINHO A SEGUIR

O pequenino Portugal de hoje, esquecido e humilhado, tornar-se-á ainda grande, verá ainda aumentada o expoente das suas possibilidades, quando todas nos quizermos compenetrar bem da seu enorme valor como potência . . . económica, e quando todas deliberarmos, enfim, ser suficientemente matemáticos, para tentar o desenvolvimento dessa potência.

A "Alma Nova", com o seu programa de puro regionalismo, cheio de patriotismo e vida mûça, é uma candeia acesa a alumiar a verdadeiro caminho a seguir.



OS NOSSOS PINTORES

JOSÉ CAMPAS

Natável pintor regionalista, ainda mûça, José Campas é um das maiores pincéis da nova geração. Inda brevemente ao Brasil, realizar na Rio de Janeiro uma exposição dos seus quadras, felicitamos a arte portuguesa pela distinta representação que vai ter durante algumas semanas na grande país irmã de além Atlântica.



OS NOSSOS AMIGOS

SALEMA VAZ

Paeta e taureira amador, Salema Vaz, de quem publicaremos brevemente algumas novas produções da seu próxima livro, apesar de bastante nova ainda, é um das mais velhas e devotadas amigas da nossa revista.

Auguramos ao seu novo livro a êxito dos anteriores.

OS NOSSOS LICEUS



O DE SETUBAL

Damas hoje, na gravura acima, a bela edificação do liceu de Setúbal, que a seu actual reitor, nosso querida camarada Dr. José Guerreira Murta, está procurando restituir ás funções para que foi construída, libertando-a assim de outras repartições da estado, que, com prejuizo da instrução nele se anicharam.

1911



A QUINZENA NOTAS E COMENTARIOS À VIDA POLÍTICA E MENTAL

... POR ...

EMILIO SALGUEIRO

ENTROU nas zonas calmas a barca da governação pública...
O mar está quieto e manso, e o céu não revela qualquer sintoma de tempestade...
Será desta vez que alcançaremos aquela paz, aquele sossego, que há tanto tempo se diz necessário á reconstrução do velho Portugal? "Talvez, talvez", segreda ao ouvido de cada lusitano a esperança messiânica da Raça...

De resto, se tranqüillidade não chegar, crêmos também que não será para nos desconsolarmos. E' que a instabilidade começa a ser própria da idiosincrasia do nosso povo, parte integrante do nosso bom humor, faceta característica do nosso "eu".

Vejam os jornais humorísticos que se publicam em Portugal. Todos êles exploram o inextinguível filão da política, olhada através do seu lado cómico. E que são as *revistas* que se representam nos palcos portugueses, senão "charges constantes da vida politica?"

Acreditem, leitores amigos, no dia e n que a "Grande Porca" de Bordalo, acabasse com os seus incidentes, os seus grotescos, as suas surpresas, teria desaparecido também a boa graça lusa, que é ainda, afinal, aquela coisa que nos faz ir vivendo com certo agrado.

No estrangeiro mesmo, cremos que a circunstância que vai conseguindo manter o velho rifão "Les portugais sont toujours gais", é a incessante mutação politico-social da nossa terra. E a prova deste asserto, está na insistência com que os jornais lá de fóra se ocupam de nós sempre ferindo a nota humorística.

Ainda há dias um grande diário europeu contava a seguinte anedota:

"E' costume os ministros plenipotenciários communicarem aos seus governos as mutações políticas nos países em que exercem as suas funções.

Ora, acontece que o ministro de Sião, acreditado em Lisboa, se esqueceu, devido aos seus numerosos afazeres, de participar a substituição do Presidente Sr. Teixeira Gomes pelo Sr. Bernardino Machado. Verificou o esquecimento só a quando do último movimento revolucionário de 28 de maio. E, para que houvesse uma certa cronologia nas suas communicações telegrafou, para Bangkok, capital do seu país:

BERNARDINO MACHADO SUBSTITUIU TEIXEIRA GOMES.

Três dias depois, para pôr o serviço em ordem, novamente telegrafou:

CABEÇADAS SUBSTITUIU BERNARDINO MACHADO.

Entretanto, dá-se o incidente da demissão de Cabeçadas. E o ministro siamez viu-se forçado a comunicar uma vez mais:

GOMES DA COSTA SUBSTITUIU CABEÇADAS.

Perante a recepção deste novo comunicado, o ministro dos Estrangeiros do Sião, Wu-Pi-Fi, sempre cisco da boa conducta dos seus representantes, suspeitou de qualquer coisa anormal, e assim, telegrafou, por sua vez, confidencialmente, ao Chanceler da Legação:

VIGIE ACTOS MINISTRO DECORO NOSSA GLORIOSA NAÇÃO.

O chanceler referido, que sabia bem da excelente conducta social do plenipotenciário, ficou perplexo, sem conhecer o motivo de tão insólita notificação. Calou-se, entretanto, esperando o desenrolar dos factos.

Acontece, porém, que se dá o último golpe de estado, e o plenipotenciário, integro cumpridor dos seus deveres, e sem saber que estava cavando a sua própria ruina, quarta vez telegrafou:

CARMONA SUBSTITUIU GOMES DA COSTA.

Diz-se que foi o próprio Wu-Pi-Fi que recebeu êste comunicado. E que êle, de ordinário sempre tão distincto de atitudes, tão grave, tão circumspecto, na sua túnica de seda róxa, ao verificar que as suas suspeitas se traduziam em realidade, teve um assomo de cólera, de zanga fusilaram os seus olhos de doçura imperturbável, e, num movimento brusco, sentando-se a uma secretária, enviou ao Chanceler, por sua vez, o seguinte telegrama:

SUBSTITUA PLENIPOTENCIÁRIO USANDO MESMO VIOLENCIA REMETA MINISTRO BANGKOK SER SUBMETIDO EXAME MENTAL.

E desta maneira foi riscada, dos Anais Diplomáticos e Consulares, a prestigiosa figura de plenipotenciário Siamez, acreditado junto dos governos de Portugal.

Diz-se que o ministro prejudicado vai reclamar no tribunal de Haia uma indemnização do Governo Português pelos prejuizos sofridos..."

FIGURAS E FACTOS

HOMEM CRISTO FILHO

PUBLICAMOS hoje, na nossa capa, o retrato do director de "A Informação", vigoroso jornalista e apreciada homem de letras sr. Hon. em Cristo Filha, a quem o governo acaba de expulsar do país, por motivos ainda ignoradas, mas que prometeu justificar.

"UM GRITO DE REVOLTA"

E' um formoso livrinho, que a sr. António Gomes da Costa Oliveira (Victor Belo), dedica, e com muita propriedade, á gente honesta do seu país.

São cêrca de 60 págnas cheias de ideias sãs, págnas dum novo, dum patriota e dum sincero, págnas dum valor, enfim, que não podia deixar de estar enfileirado na nossa Ala de Novos.

Que as sucs ideias políticas, parecendo demasiado teóricas, não o são, afinal, é evidente prova o triunfo do movimento militar de 28 de maio último.

O ENSINO RELIGIOSO

UAI pelo mundo, como sabemos, uma onda avassaladora de crença religiosa.

Parece que a Fé, revigorando-se nos misteriosos arcanos da alma humana, de novo acende as velas dos altares, outra vez conquista as perdidas posições no orbe terrestre.

Pois é precisamente neste instante, que vemos, em um pretensu Congresso Pedagógico, realizado há pouco em Lisboa, uma senhora professora, de nome D. Victoria Pais, levantar o já esfarrapado estandarte da ateísmo intolerante, a pretender dominar o ensino e a sociedade.

¿ E a propósito de quê ?

A propósito de um recente decreto ministerial, que permite o ensino religioso nas escolas particulares.

E' espantoso, mas é verdadeiro ! Fena temos que esta publicação, em vez do seu aspecto independente, não possua um caracter polemista, que permitisse analisar a espécie de incoerência social política e que tal opinião representa.

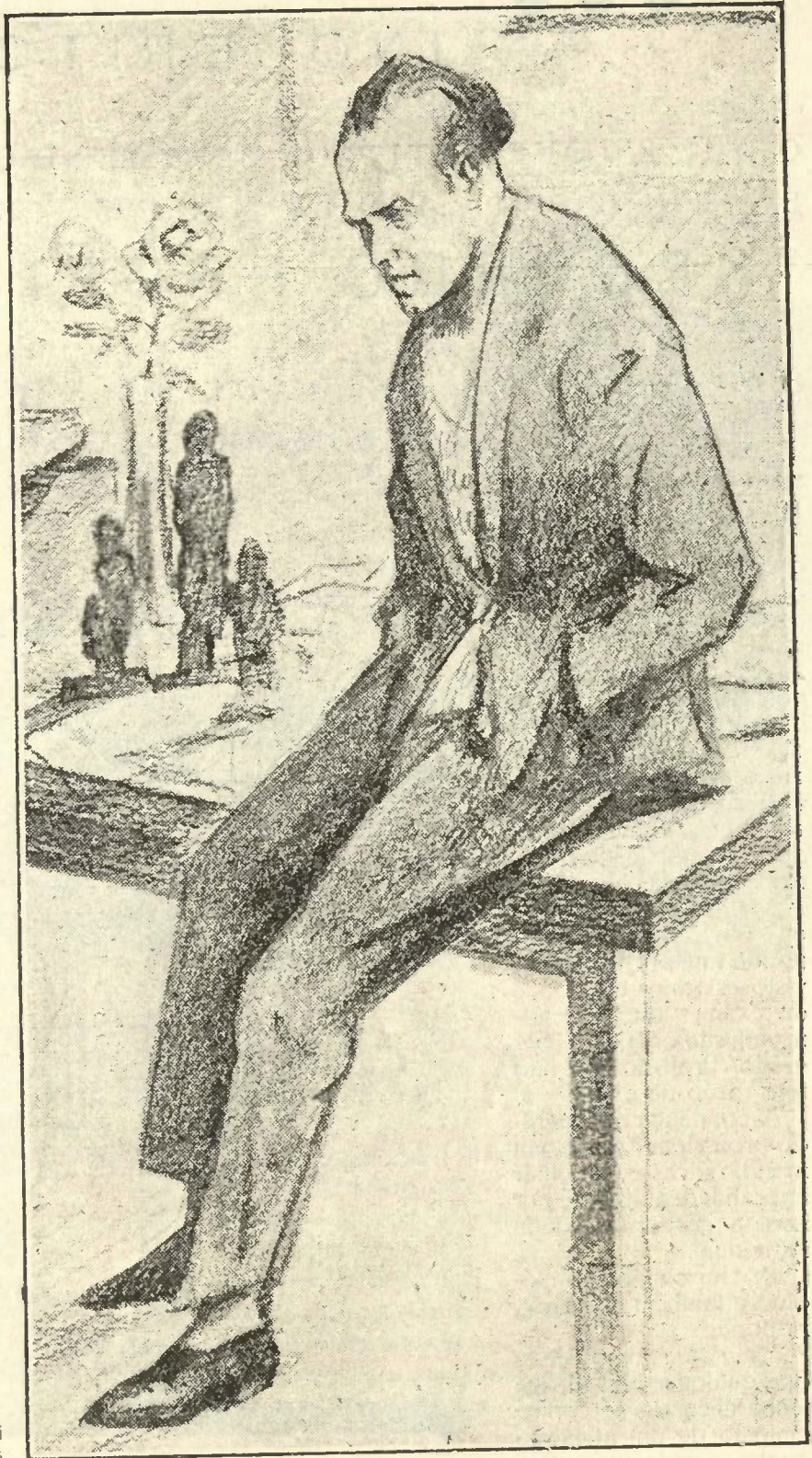
Entretanto, diremos ás mães de Portugal:

— Acautelai vossos filhos da influência das Donas Victorias Pais...

PRAIAS E TERMAS

O próximo número da "Alma Nova" será particularmente dedicado ás nossas veraneantes.

Capa: Uma formosa alegoria "A ninfa das praias", por Alfredo Candido; Camara Reis escreve "A Quinzena"; Saavedra Machado publica uma interessante página humorística: "Durante o banho"; em página dupla, dão se belas notas gráficas, mostrando "Como se veraneia hoje nas grandes praias", e de Julio Vaz Junior re-produz-se o formoso grupo escultural "A Vaga". Contos, crónicas várias e noticiária, completam este número sensacional.



ALVES REIS
"O homem das notas", na prisão
(Croquis do "Domingo Ilustrado")

Foram enfim concluidas as investigações referentes ao célebre caso do "Banca de Angola e Metropole", tendo-se mantido a prisão dos principais responsáveis e arbitrada fianças aos implicados que se consideram de menores responsabilidades. No monumental processo figuram muitos nomes do nosso meio politico e mental.

Como uma das figurantes, ou pelo menos usufructuarias, da farnidavel burla das notas falsas, acaba também de ser presa, recolhendo ao Aljube, a esposa de Alves Reis.

OS NOSSOS INQUÉRITOS

I

O QUE É? QUE LATITUDE DEVE TER E QUAIS AS VANTAGENS
E INCONVENIENTES DO CHAMADO
"SEGREDO PROFISSIONAL"

II

H AVERÁ NECESSIDADE DE REFORMAR A NOSSA
ACTUAL LEGISLAÇÃO NESSE CAPITULO

EXPOS as suas razões sob êstes dois quesitos, no número 7, um distintíssimo juiz da relação de Lisboa, que se acobertou sob o pseudónimo de Aurélio de Aguiar. Antes de iniciarmos as nossas entrevistas a tal propósito com algumas das mais consideradas figuras dos nossos meios jurídico, pedagógico, médico, etc., vamos continuar a publicação das respostas recebidas:

2.^a O professor dr. João da Silva Correia, responde muito a propósito visto estarmos em época de exames que no ensino, em sua opinião o "Segredo Profissional" não tem razão de existir.

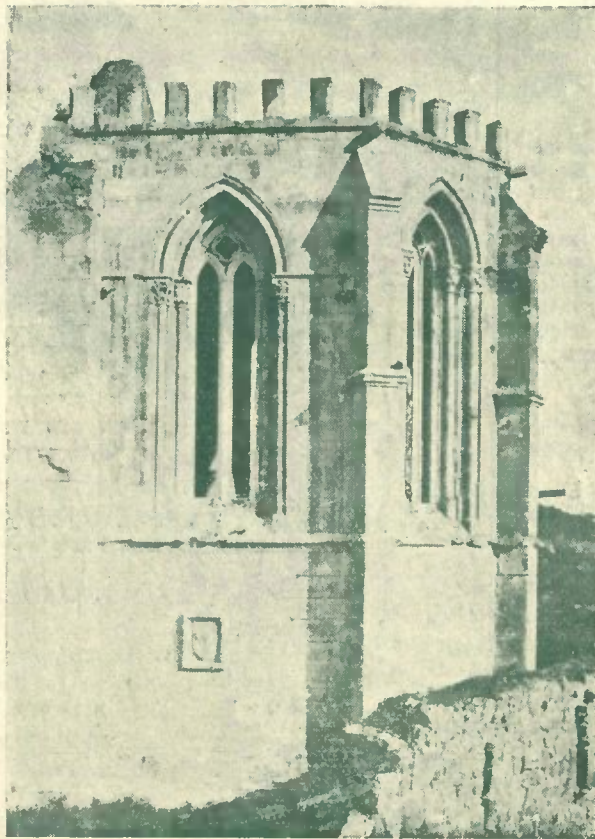
A confiança no "segredo profissional" pode, em muitos casos, originar imoralidades. Prefere, por isso, a responsabilidade individual.

3.^o Um conhecido médico e também professor, responde:

"Não se compreende que qualquer pessoa que tenha chegado ao conhecimento de um atentado contra a vida ou a propriedade do indivíduo, ou contra a segurança pública do Estado, seja obrigado *pela lei* a transformar-se em *cúmplice* desses crimes, ao contrário do que sucede lá fora, onde, como na revolucionária França, o art.^o 30.^o do *Código de Instrução Criminal* obriga, sob pena de multa de 50 a 200 francos, a avisar o Procurador da República.

?

MONUMENTOS NACIONAIS



CASTELO DE LEIRIA — CAPELA-MÓR
Vista do interior do Castelo
(Fot. do sr. Dr. L. W.
Carrisso)

O legislador pode querer respeitar o segredo profissional, mas pergunte-se: há o direito de em todos os casos em que os advogados, os médicos, etc., tenham chegado, exclusivamente por si, ou não, ao conhecimento de *crime* — há o direito de os obrigar a ser coniventes, colocando-os sob a alçada da lei e de penalidades e obrigando-os a cumplicidade, *mesmo nos casos em que o consulente foi vítima de um crime?*

E', pois, preciso esclarecer o § 1.^o do artigo 290.^o do Código Penal Português, por anacrónico e anti-social.

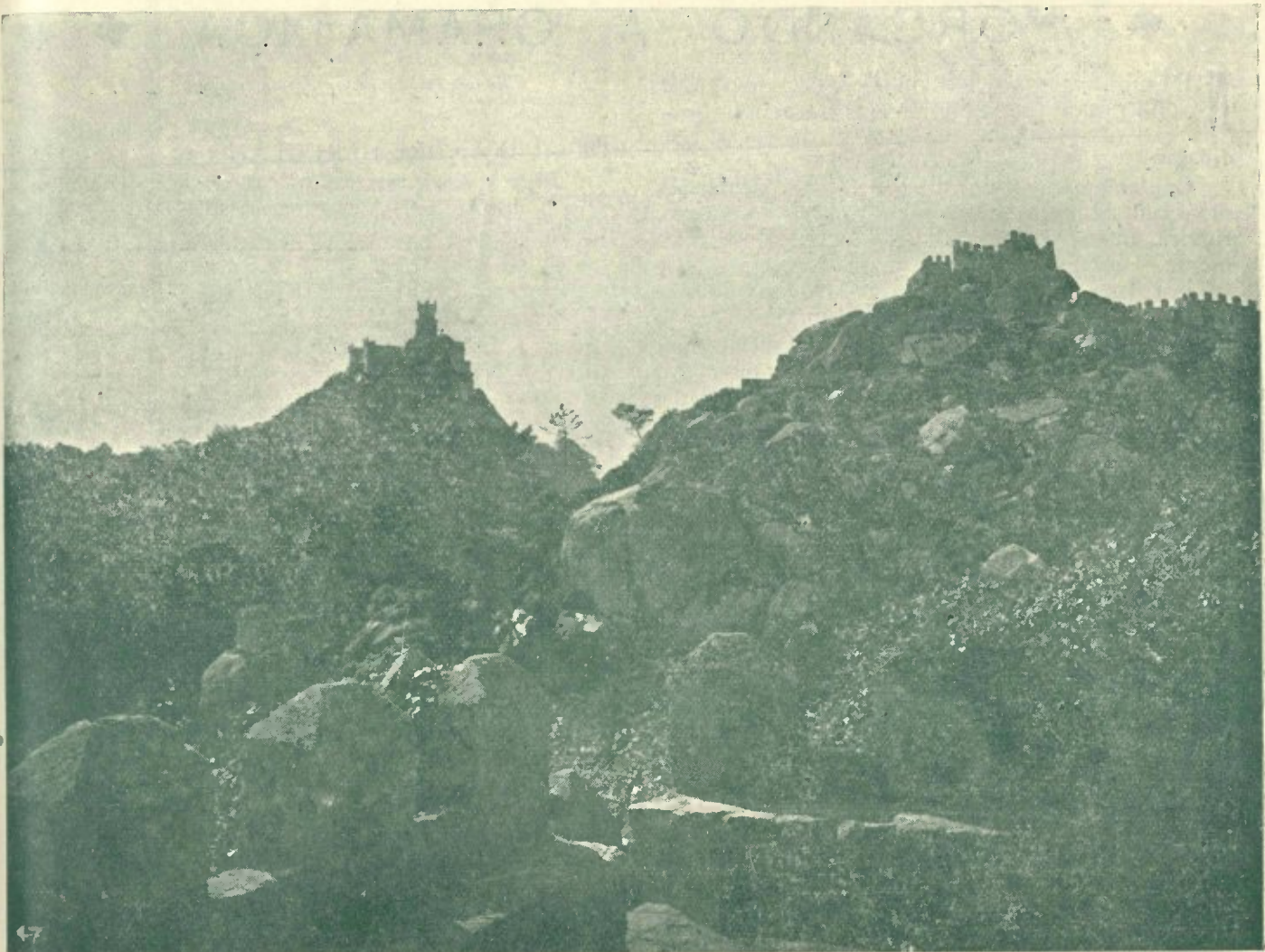
4.^a E' idêntica opinião expressa por um *Veterano de assuntos jurídicos*, também juiz da Relação de Lisboa e que desempenhou altas funções na magistratura. Diz S. Ex.^a, sem que nos autorise a revelação do seu nome:

"O advogado que aconselhou o *chauffeur* do automóvel em que foi assassinada por Augusto Gomes a actriz Maria Alves, não denunciando imediatamente á autoridade o criminoso ou o *chauffeur* encobridor do crime, não procedeu com

asserto, nem pode considerar-se salvaguardado pela lei."

A justificação de tal afirmativa, diz, levalo-ia muito longe, porque o assunto tem raízes históricas profundíssimas. . .

Continuaremos, porém, no n. 12.



O Castelo dos Mouros e a Pena, em Cintra

Fot. Lazarus—LISBOA

C I N T R A

O sonho da montanha!...
 Febre d'altura a consumir a terra'
 Fôrça escondida e estranha,
 Sempre crescente, a arremessar a serra
 D'encontro ás nuvens numa ambição tonta!...

Como ela sobe, a curva donairoza,
 Fundindo numa altura já sem conta,
 Na lucidez da abóboda de anil
 A linha indefinida e vitoriosa
 Do estático perfil! ..

Oh! Cintra, oh! Cintra cujas fontes resam
 A elegia perpétua das distâncias
 Em vozes que já são
 Ecos perdidos dontras resonâncias;
 Montanha ideal em cujos flancos pesam
 Cansados séculos de Tradição:

Terra d'encantos onde o olhar vislumbra:
 Florestas nngidas de mistério,
 Granitos afogados em penumbra,
 Festas de luz,
 Sombras de cemitério...
 Oh! terra d'entre todas mais amada,
 Bêrço da minha infância,
 Tu és dentro da minha própria vida:
 Uma saúde materializada
 Que eu vejo sempre a florescer unida.
 Ao meu passado eternamente vivo,
 — Doce passado
 A evocadores traços desenhados
 Pelo meu coração contemplativo
 Nos longes esfumados da distancia...

(Excerto, do livro "Encantamento")

O L I V A G U E R R A

◆ FORÇANDO A GRAMÁTICA ◆

NUM substancioso artigo, que o *Diário de Notícias* há pouco publicou, lia-se a frase: "Estos atitudes nacionais é precisa não as deixar esquecer"

Evidentemente, a construção não está de harmonia com as regras que os gramáticos — senhores rígidos, inflexíveis, na "arte de escrever correctamente" — aconselham ou impõem nos compêndios.

Por isso, um escritor de certa nomeada, que procura sempre estar de bem com o seu velho mestre-escola, colocando o *sujeito* em bom lugar a respeito do *predicado*, que se rege, enfim, pelo que o professor lhe ministrou como lei, levou a mal a expressão citada, apodando-a de disparate, disparate gramatical.

A imaginação do escritor não pode limitar-se ao acanhado empirismo das rudimentares regras sintáxicas; e a beleza da frase, o estilo alevantado, a expressão incisiva, clara, dominante, muitas vezes dependem da colocação das palavras, nem sempre subordinada às fórmulas regentes.

Na frase, de que se trata, o autor do artigo pretendia salientar, dar vigor, realce, às palavras "*atitudes nacionais*", para que o leitor, que acaba de ler os períodos em que eram patentes altas virtudes cívicas do povo português, fôsse influenciado do pensamento patriótico do jornalista ao traçar aquele artigo.

A frase, escrita pela regra gramatical, seria: "E' preciso não deixar esquecer estas atitudes nacionais". Mas, como o jornalista a escreveu, tem mais beleza, sem dúvida, pois salientou, logo, as palavras nobres, da expressão. É num discurso, falado com aima, a frase ainda seria, talvez, mais vincante.

¿E', portanto, propriamente um erro gramatical aquela maneira de dizer?

Não. E' uma licença, de sobejo abonada pelos clássicos.

A esta licença se chama *anacoluto*, e consiste em iniciar a oração pela palavra ou palavras designativas do seu objecto, sem as ligar, gramaticalmente, com o sentido que vem depois, isto é, mudar a concordância iniciada em outra diversa.

Em todo o caso, convém não abusar da forma, só permitida em determinados passos, como a usaram clássicos escritores.

Para que não fiquem, porém, apreensões aos muitos *censores*, cujas bases sintáxicas nunca passaram dos rudimentos, vamos registar aqui uma série de exemplos colhidos:

DE CAMÕES:

Este, depois que contra os descendentes
Do escrava Agor, victorios grandes teve.
.....
Deu-lhe a suprema Deus, em tempo breve,
Um filho.....
LUS., III, 26.

Eu, que cair não pude neste engano,
(Que é grande dos omantes, o cegueira)
Encherom-me com grandes obondanças
O peito de desejos e esperanças.
LUS., V, 54

O rei.....
Este temor lhe esfria o boixa peito:
LUS., VIII, 58-59.

Estes, a rei que têm, não foi nacido
Príncipe.....
LUS., X, 130

DE ALEXANDRE HERCULANO:

"Belos e veneráveis eram os dois plótanos. O outro, cobriam-no toda com as suas sambras fechadas." — *Lend. e Nar.*, II, p. 117.

"Bartolom-u andovo-lhe já a cabeça á rada." — *Lend. e Nar.*, II, p. 254, 8.ª ed.

"As outras, que os asas do anjo Azrael se estendam sobre os seus cadaveres". — *Eurico*, p. 157, 4.ª ed.

"A generosidade, o esforço e a amor ensinoste-os tu em toda o sua sublimidade". — *Eurico*, p. 35

DE CAMILO CASTELO BRANCO:

"Compreendeu que os saudades de João da Veiga não bastava a mitigó-las o amor da filha de Domingas Leite". — *Caveira do Mórtil*, 2.ª ed., p. 9.

"V. Ex.ª dizem-me que lhe deve muita." *Misterios de Lisboa*, 5.ª ed., Vol. I, p. 164.

Também é corrente outro facto de anacolúta, que muito amofina os recta-pronúncias. E' o caso de o *sujeito*, representado por nome colectivo, mas em regra, seguido da designação da espécie, levar o verbo ao plural, em frases como: "*A maior parte dos escritores portugueses não cuidam da vernaculidade da língua.*"

Pretendem aqueles zeladores que, sendo o *sujeito* singular — *maior parte* — o verbo esteja no singular também, por respeito à gramática.

Mas o que é certo é que consagrados escritores não seguem a regra e praticam a anacolúta, como por exemplo Alexandre Herculano.

Vejamos:

DE ALEXANDRE HERCULANO:

"Grande número de cavoleiros *corriam* pelos praços". — *Opúsculo*, I, p. 112, 1.ª ed.

"As prestações agrárias que *pagavam* esta espécie de colonos-servos..." — *Op.* III, p. 302.

"O *comum* dos morgados em Portugal *foram* instituidos em terças" — *Op.* IV, p. 38.

"Então o *grossa* dos cavoleiros... *acometê-las-am* pelas castas" — *Eurico*, p. 264, 4.ª ed.

"Uma *parte* dos cavoleiros *aferecer-lhes-iam* débil resistência". — *Eurico*, p. 254.

"O *comum* dos vilãos... *lô perdem* os deliciosos períodos da sermão". — *Lend. e Nar.*, II, p. 203.

E só mais dois exemplos, que mais não são precisos, pois a prova está devidamente feita.

Um, de Ramalho Ortigão, a p. XLII do "Estudo crítico" que acompanha a 24.ª ed. do *Amor de Perdição*:

"A *maior parte* dos ropazes *tinham pegada* em armas no tempo da patuleio".

Outro, do sr. dr. José Joaquim Nunes, meu muito illustre professor, no seu trabalho "Convergentes e divergentes" inserto no fasc. 3.º, dedicado a Gonçalves Viana, do vol. X do *Boletim da Segunda Classe* da Acad. das Sc. de Lx.ª [nota a pag. 840]:

"E' escusada advertir que não obono a sua existência, porque a *maior parte encastram-se* coligidos no Dicionário de Moraes, 8.ª edição".

Cremos que, com a exemplificação clássica acima feita, não restarão dúvidas àqueles que as tinham.

A. COSTA LEÃO.



ASPECTOS E PAISAGENS

DO ALGARVE

A "Alma Nova" prestou no número anterior a sua homenagem ao Algarve, como região de riqueza e de encanto. Hoje aprás-nos fixar nesta página alguns dos aspectos mais característicos da encantadora província, que parece começou a despertar do estado cataléptico em que há anos se mantinha e a tornára tam injustamente desconhecida do resto do país.

Além dum combóio rápido diário, de ligação com Lisboa, sabemos que estão sendo coroados de êxito os esforços para a abertura do porto de Lagos, que ficará sendo porto de escala para a navegação internacional, e ainda a criação dum novo Liceu, em Portimão ou Lagos.

E' possível que ás maravilhosas termas de Monchique, o ponto mais belo do Algarve, alguém procure também dar o necessário impulso.

Todos os algarvios devem, porém, pondo de lado disserções e intrigas, empenhar-se a valer na obra de valorização e propáganda da encantadora província, sem o que nada de prático se conseguirá.



EM CIMA: Uma das mais formosas vistas que se disfrutam de St.º António do Alto, em Faro.
(Fot. M. Moreno)

NO OVAL: Mãe algarvia, em cujos traços fisionómicos se notam acentuadas reminiscências berberes.
(Fot. M. Moreno)



EM BAIXO: Olhos d'Água, bela trecho da costa algarvia, entre as proas de Quorteira e Albufeira, particularmente escolhido pelos banhistos de ombos ostâncias, para os seus pic-nics.

Encontro-se o água doce, brotando da rocha em plena proia.
(Fot. J. Pontes)

OS NOSSOS ARTISTAS
DO RETRATO



O Poeta do "Mar dos Tormentos,, Dr. Antonio Ferreira Monteiro



O Escritor e Jornalista Albino Forjaz de Sampaio

DOIS
BELOS
TRABALHOS
DE
MARTINHO
DA
FONSECA

M A R T I N H O D A F O N S E C A

MMARTINHO DA FONSECA, artista de feição moderna, amando a leveza dos contornos e a luminosidade das côres, é o pintor elegante das nossas exposições. As suas pinceladas tem sempre qualquer coisa de aristocrático, duma aristocracia sem fingimentos, que se impõe, — a dominante aristocracia da sua Arte.

Discípulo do grande Pintor Columbano, pode-se dizer, sem qualquer reбуço, que honra o mestre, sem o imitar. Possui antes uma técnica muito sua, uma feição emocional e interpretativa que inteiramente o caracteriza.

Nas exposições, não é, por isso, necessário ler-lhe a assinatura, basta ver-lhe as obras. E a galeria dos seus trabalhos é já extensa. Principalmente pintor de figura, trata o retrato com mestria, tanto a oleo como a sanguinea e pastel.

Em 1914, também tentou, com êxito, a escultura, mas não mais vimos produções suas nesse género.

Os retratistas que mais admira, revelou-o êle próprio a Saavedra Machado, em 1916, para um estudo que veio na "Alma Nova", são, além do francês Jacques Emile Blanche, os coloristas ingleses do século XVIII; "os modernos, Sargent, Lavery, e outros, notáveis pelas suas composições, como Shannon". E ainda, em Espanha, "a galeria dos soberbos retratos de Goya", as composições fortes e brilhantes de Velasquez, e ainda êsse admiravel Joaquim Sorolla, recentemente falecido.

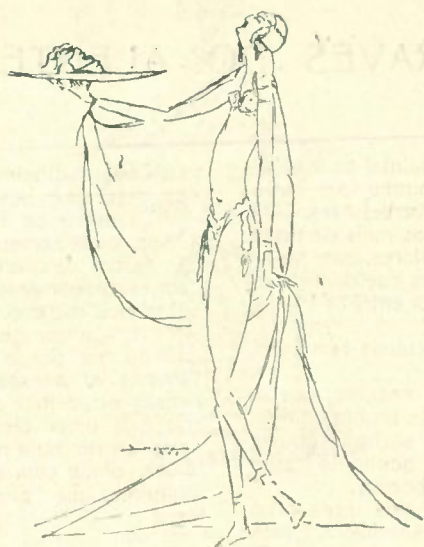
Acima de todos está, porém, no altar do seu culto, o seu querido mestre, o grande pintor Columbano, que por sua vez Ortingue também o jovem artista, nomeando o seu discípulo mais dilecto.

Dentre os novos, Martinho da Fonseca é, com Eduardo Malta, Saavedra Machado, José Campos e Luiz Burnay, em Lisboa, dos nossos melhores retratistas.



O pintor e retratista
MARTINHO DA FONSECA
interpretado por
SAAVEDRA MACHADO,
outro excelente pintor
e mestre do retrato á pena

M. M.



O ETERNO BAILE DE
SALOMÉ
POR
VALERIANO DE CAMPOS
(EXCERTO)

DANIEL — Eu não a amo, não a posso amar, e contudo ha dois meses que me sinto resvalar pouco a pouco.

ALFREDO — Mas tu...

DANIEL — Mas eu, sim, mas eu!... E' também o que estou farto de repetir.

ALFREDO — Essa mulher...

DANIEL — Salomé, disseste tu... E na verdade, a sua vida, petulante, frívola, ousada e seductora, é como um bailado estonteante.

ALFREDO — O que é preciso é que ela não baile na tua frente.

DANIEL — Fugir-lhe?

ALFREDO — Basta deixar de vê-la.

DANIEL — Prefiro mostrar-lhe bem o meu desprêso.

ALFREDO — Isso, é orgulho, homem, é orgulho que te cega. O desprêso e o ódio seriam armas que ela, com um gesto habilidoso, voltaria contra ti. O remédio é deixar de vê-la. E não te envergonhes: retirar a tempo é muitas vezes preparar a vitória.

DANIEL (*num breve riso de sarcasmo*) Um bailado! Hoje ninguem dança para ver correr sangue.

ALFREDO — Daniel!

DANIEL — Hoje o prémio é outro: a inteligência, a vontade e o orgulho dum homem! O que ela quer é aniquillar-me.

ALFREDO — Mesmo que queira, está na tua mão desfazer-lhe os intentos. De resto, ela mesma exagera os apetites e finge estar mais certa do seu poder do que está realmente. Prende-a êsse fogo de atitudes inquietas e embriaga-a êsse duelo de palavras corrosivas. E' o velho duelo dos sexos com o aspecto requintado e fútil da época moderna. O que ela quer é apenas iludir-te o coração, expicaçar-te os sentidos e, sobretudo, arrancar-te á missão que escolheste. Nada mais. A sua arte é feita de mil risos. Sabes como deves combatê-la? Com uma estrepitosa gargalhada.

DANIEL — Um duelo...

ALFREDO — Mas primeiro tens de te isolar para vencer e destruir essa vertigem deprimente.

DANIEL — Um duelo...

ALFREDO — O que é isso? Em que estás a pensar?

DANIEL — Tolices...

ALFREDO — Tem mão em ti, Daniel.

DANIEL — Fizeste-me lembrar agora uma scena horrível duma novela russa.

ALFREDO — Uma novela?!

DANIEL — Sim. (*Curta pausa*). Por um caso de honra

tem de haver um duelo entre dois officiais da mesma guarnição de provincia...

ALFREDO — Mas olha lá...

DANIEL — (*Sem o atender*) Imagina que a mulher dum dêles, cortejada pelo outro havia tempo, lhe aparece inesperadamente no quarto, na véspera do duelo...

ALFREDO — Mas isso é uma novela.

DANIEL — E' a vida.

ALFREDO — Nem sempre.

DANIEL — (*Continuando a narrativa*) E' a primeira vez. Vem receosa, quasi trémula. Tenta por todos os meios persuadi-lo de que êsse duelo deve ser apenas uma formalidade, já que os códigos d'houra são intransigentes e não permitem

evitá-los. Cada vez mais inquieta, mostra-se mais carinhosa, mais suplicante. Que seria dela se qualquer dêles morresse? Que seria dela, particularmente, se o marido morresse? Mal vista por todos, considerada como pedra de escândalo, só lhe restaria a fuga, o exílio, a miséria, a ruina de todas as suas ambições, um horror insuportável. Mas êle, por amor dela, far-lhe-á a vontade, não irá, certamente, disparar sobre o adversário. O duelo ha-de ser uma simples formalidade. Quanto ao marido, que o não odeia, afirma-lhe, a apagar a mentira com gestos de caricia, que ela própria se responsabiliza pelo seu procedimento. O rapaz não insiste, não interroga; compreende e cala-se. Então ela, a tremer, como último recurso, faz do seu desespêro uma volúpia enebriante. Obtida a promessa, num brusco afrouxamento dos nervos, abandona-se-lhe inteiramente pela primeira vez...

ALFREDO — A última falsidade.

DANIEL — No dia immediato, o rapaz caía morto por uma bala do seu adversário. O duelo fôra apenas uma formalidade... mortal.

ALFREDO — Mas como, felizmente, isso se passou entre russos...

DANIEL — Um duelo — vêes tu? Quem sabe se no duelo que vou travar contra um demónio subtil que essa creatura fez surgir ante mim, não virá ela mesmo tentar-me a desviar o golpe?!

ALFREDO — Isso já é fantasia, Daniel.

DANIEL — Mas não, não! Não me deixo matar! Quere o duelo? Seja! Hei de lutar, hei de lutar sem tréguas.

ALFREDO — Cuidado com essa exaltação. Olha que podes cair numa aventura perigosa. Duelo para quê?

DANIEL — Para vencer!

(DESENHO DE ROBERTO NOBRE)

TELAS CAMPESINAS

(ATRAVÉS DO ALENTEJO)

TODOS os dias eu via da varanda do meu quintal os ranchos das mondadeiras, que de sachó em punho iam arrancando os hervas daninhas nas searas verdejantes. Uma vez, porém, senti desejos de observá-las mais de perto, e como adoro as árvores, as seoras e... as flores, quer sejam as que admiramos nos jardins, quer sejam as que durante as mondas quebram o cristal das suas risadas por entre os trigais, sai, pus-me a caminho.

Vista assim do campo, além disso, a cidade tem outra graça.

Até as raparigas também teem aí um encanto, que se não encontra, facilmente, nas frivolos sécias dos grandes meios.

Quando á tarde as vemos regressar, de sachó ao ombro, rubras como papoilas, depois de um dia bem ganho de labuto e de dar á lingua, a suo graça vale bem um poema.

Não trazem nos lábios o cormim, nem nas focas o pó d'orroz (quando muito um pouco de pó das estradas...), mas nem por isso deixam de ser menos belas, dumo beleza sem fingimentos, sómente delos, natural.

Já lá dizia, de facto, o vote francês: "*rien n'est beau que le vrai et seul le vrai est aimable*..."

Curvo-me perante vós, mulheres do minha terra, que de sachó ao ombro partistes de monhósinha, quando eu ainda dormia, para os campos, e que amanhã, de folce em riste ireis ceifar esse mesmo trigo que ora mondais, então já amarelecido, esse trigo que eu, e quantos na cidade se orgulham do verniz dos seus sapatos e do lustro dos seus colarinhos, havemos de comer, talvez sem sequer pensar, ingratamente, nas vossas dedicações e canseiras.

Curvo-me perante vós, porque o faço perante a saúde, a beleza e o verdade!

Bemditas sejais, mulheres de Portugal!...

II

Adiante... Já ficaram para troz os ranchos dos mondadeiros e já se não ovisto a cidade. Estou só agora, só, no compo, que é como quem diz, mais livre dos homens e mais perto de Deus. Terro e Céu openas.

Nas oliveiras, acolá, oiço desferir seus cantos o bando alacre das aves, e ocorre-me certa história, ou antes lenda, de um monge que encontrou num livro do seu convento as palavras simbólicas:— "Mil anos á vista de Deus, são como o dia d'ontem que já passou".

Não atinava o místico professo com a explicação daquelas palavras, quando um dia ouviu na cêrca do convento uma avesita cantar. De tal forma ficou embevecido naquele canto, que a foi seguindo, seguindo, á medida que o avesito lo, de ramo em ramo, executando os seus inspirados gorgeios. Quando o monge voltou ao convento tinham passado mais de cem, talvez mais de mil anos.

Deus revelára-se-lhe inteiramente no canto do passarito. E eu agora, ali, sósinho, entre searas e olivedos, reconhecia tambem a presença de Deus em cada ave que cantava, em cada planta que se erguiu para o azul, e na brisa que me refrescava, perfumada pelo subtil aroma das flores...

Que paz e que silencio divinos!

Lá oo longe, sóbre uma elevação, erguia-se uma ermido-nho branca, branca como o neve do seu nome — Senhora das Neves!...

III

la andando, e pelo caminho fiz reparo em certa oliveira velhinha, com ar melancólico, de abundano; e vieram me á memória aqueles versos de Correia d'Oliveiro, em que o poeta nos aconselha que não passemos adiante, sem contemplarmos longamente essa vida cansada, trémula e sambrla, sempre que encontremos uma árvore assim.

.. "Jó foi nova e floriu entre esplendores;
talvez, em derredor dos seus amores
ainda haja filhos que lhe queiram bem..."

Ama-o, respeita-a, ampara-a no velhice,
sorri-lhe com bondade e com meiguice:
Lembre-te ao vê-la tua própria mãe!"

Árvores de Portugal, bemditas sejais!

IV

Cheguei finalmente ó quinta, "términus" da minha digressão. Aqui deva passar alguns dias.

Lá estão ao fundo da rua, duas crianças brincando — ¿Vido, onde começa e onde acabaos?...

Adoro os crianças, e sempre que os contemplo lembro-me com enternecimento daquelas póginas que o bom Popó Hugo-sóbre elas escreveu. Vejo-as sorrir, ouco-as chorar e balbuciar, sinto a sua coragem e a sua indiferença no meio do perigo, quando me passa pela mente a obra do grande escritor. "*Vivons et pensans á genoux!*" Na verdade, êle faz-nos pensar e ajoelhar diante dessas flores animadas, que a terra cria e o amor alenta. Nelas a candura, nelas o heroismo, nelas a arte, num maravilhoso hino! E delas se poderia dizer, talvez, ainda com mais razão do que Vitor Hugo disse das mulheres, que "parecendo o extremo froquesa, são o grande fôrço".

V

Amo sobretudo as obras do autor dos "Miseráveis", pelo que ellas nos falam dos crianças. Em todas há quási sempre uma criança que ri ou que chora, que canta ou que geme, como nos sonetos de Antero de Quental hó quosi sempre o mar...

Descrevendo á sua adorada Adelia certa região da França, por onde andava em viagem, Victor Hugo diz: "A natureza é bela e o homem é feio.

"Com efeito, se por um lado as estrados estão cobertos de flores, de árvores, de aves e de raios de sol, por outro estão cheias de horríveis camponeses de jaqueta, de campanesas com bonets de algodão e de gorotos imundos, cuja bôca chupa o narlz. Há cotedrais, mas também hó aibergues".

Vitor Hugo podia ter acrescentado, "e também hó escolas que são peiores que albergues, porque são cárceres".

Não o disse, porque era no Fronço, onde os escolos talvez sejam melhores do que em Portugal. E preguntando o si proprio, porque é que as crianças, que são formosas mesmo quando imundas, se transformam nos horríveis camponeses de jaqueta, o autor do "Homem que ri", responde: "Porque é Deus que as começa e são os homens que as acabam".

Admirável resposta esta, que podia bem extender-se ao mundo inteiro.

E veio isto a propósito das duas crianças que eu avistei lá em baixo, ao fundo da rua que dá entrada na quinta. Aproximo-me; exclamações de surpresa e de alegria...

Felizes delas! Enquanto brincam, são felizes, sem o saberem; felizes porque nada as tolhe, nada as contraria, porque são livres. A escola do futuro deve dar também o todas as crianças, todas as venturas que se conteem nesta nobre palavra: Liberdade!

Sim, basto de cárceres...

VI

Os meus novos campanheiros — êsses dois pequenitos — vão-me, pouco depois, mostrar a sua horta. A "Batalha", uma linda podenga, vai na frente, aos pulos. De vez em quando volta, para nos lombar as mãos, e torna a correr. Os pequenos mostram-me uma horta minúscula em que hó um pouco de tudo. Finjo-me mais ignorante em assuntos hortícolas do que realmente sou...

A uns feijeiros chamo tomateiras a uns saramagos chamopês de salsa... Os garatos protestam e riem. Esta gente da cidade só o que sabe é ler, pensarão êles; e há tanta ignorância na gente que sabe ler... De facto, já o poeta da "Musa em Férias" dizia que há nos livros muita asneira e nos campos muita razão. Tinham, portanto, razão os garatos em se rirem da minha presumida sciencia hortícola.

VII

Á minha volta vou fixando detalhes da vida campestre: mulheres que lavam num tanque; o hortelão que cava acolá; mais além, o maioral que segue otroz do seu rebanho... enfim, a verdadeira vida, uma vida serena e feliz...

Beja, Abril de 1926

JOÃO DE SOUSA

ALMINHAS

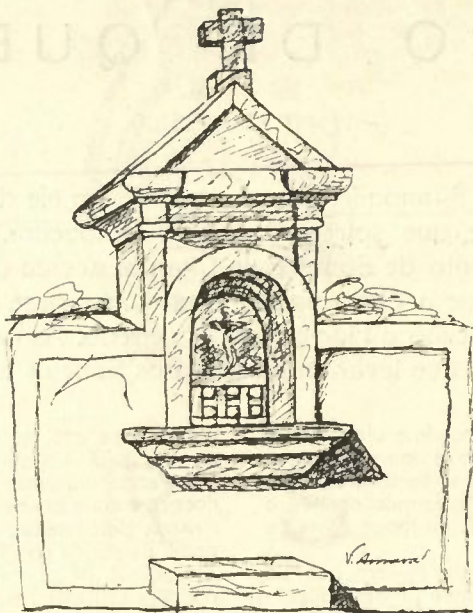
DO MINHO

POR

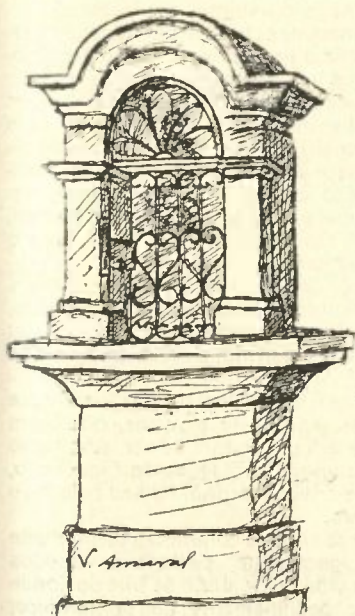
ILS.

V. AMARAL

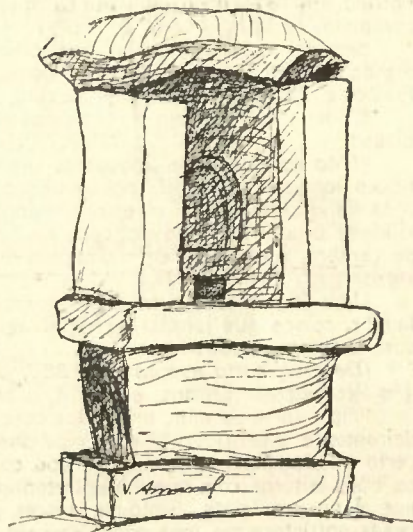
DO AUTOR



Alminhos do lugar do Ribeirinha,
(Arcos de Vol de Vez)



Alminhos do lugar do Estremo
(Arcos de Val de Vez)



Alminhos de Monserrote
(Arcos de Vol de Vez)

ESTES pequeninos templos, dispersos pelos caminhos, a receberem as migalhas da crença popular, atingem, na sua expressão religiosa, o máximo da beleza, pela simplicidade rústica que os caracteriza. São partículas de fé, que a alma do povo comunga, ainda ungido daquela religiosidade, que chega ao céu, na súplica emotiva de quem reza a Deus, para apoucar as penas dos que sofrem no purgatório.

Destas minúsculas catedrais (na invocação religiosa), desprende-se, através dos tempos e das intempéries materialistas, um rosário de tradições, que as amolda ao lugar a que por vezes dão o nome, enraizando-as, quais árvores seculares, na alma do povo, e robustecendo-a, para nos dar ainda, como fruto benéfico, um regionalismo puro e idealista.

Nem sempre o povo delas sabe a origem; mas não deixa por isso de tributar-lhe fervoroso culto, incensando-as na sua fé, inda mesmo que, já desprovidas do retábulo, o nichosinho esteja ainda, como sinal invocativo, no lugar consagrado.

Ali depõem, com pedaços de alma, uns, a prece

votiva; outros, o óbulo que cai na caixa, por vezes já saqueada pelos transviados da fé, almas para quem vai também a oração murmurada — sabe-se lá quem são? —; e ali se penduram as coisas perdidas, para que mais depressa vão ter á mão dos seus donos.

Nesta região, o modelo arquitectónico destas alminhas, é muito variado, como variável é a causa que as gerou no lugar a que as apropriaram. Mas sempre das suas linhas indefinidas, sobressai um característico próprio, inconfundível com as das outras regiões.

O retábulo, que as santifica, sempre subordina a exposição patética da elevação das almas, a sentimentalizar o viandante que passa.



Há-as também com uma só imagem pintada, que por vezes é Santo António, Senhor dos Passos, Senhor dos Afritos, etc.

A todas, o nosso povo devota as suas orações, porque delas irradia, pela unificação do sentimento, um bálsamo consolador, que acompanha o caminheiro, tornando-lhe menos agro o caminho, pela intensificação da fé, na esperança dum melhor dia a raiar.

E assim vai caminhando um povo, que levanta os olhos ao céu, como seu melhor guia, sem recear tropeçar, nos escolhos dos caminhos, porque neles sabe espalhar a sua harmonia que resulta da conjugação da crença com os bons costumes.

Braga V. AMARAL

ANTERO DE QUENTAL

II — O SEU FISICO

Alguns traços fisionómicas de Antero. Como ele descreve parte dos males de que sofria. O receio da loucura. Opinião do dr. Manoel Bento de Sousa e de Charcot acerca da doença de Antero. O que a esse respeito pensavam Sousa Martins e os srs. Jaime Cortezão e Fidelino de Figueiredo. As causas directas e indirectas que levaram o autor dos Sonetos ao suicídio.

"**A**LTO, delgado, muita alvo, de face rosada e olhos azues claros. Borba intensa, crispada e loura. Bosta e amaranhada trunfa de cabelos também louros, que lhe rampiam acima das supercillas, deixando apenas a descoberto um dedo de testa, e inda vaejar aa longe sobre as ombros e espaduas."

Tais são os principais traços físicos de Antero, que foi indubitavelmente, um doente, sendo grande o desequilíbrio existente entre a sua intelligencia vigorosa e o corpo cheio de achaques, agravadas por uma perigosíssima doença nervosa sofrida em 1874 e da qual nunca mais se restabeleceu por completa.

Sem ter as cruéis fabias que torturaram e ensambraram a vida de Camila e Fialho, como demonstrei no meu *Comilo, Fialho e Eça*, Antero sofreu, todavia, bastante, fisicamente.

E' eie mesma quem a diz nestas preciosas notas patológicas:

"Nãa estou pior, e apesar de me custar a escrever um pouco longamente, ainda posso traçar meia duzia de linhas. Mas amanotania dum viver condemnada a uma quasi immobillidade produz-me uma agitação de espirito, ou se quizeres, de cerebro, que chego em momentos a temer dispare em loucura.

Uma inquietação, um susto, uma apreensão, um mau humor, coiscs que juntas e prolongadas dão a somma d'un, verdadeiro tormento."

(De uma carta escrita em 1886, a Germana Meireles).

Passadas oito anas, em 1874, acrescentava ao mesmo:

"Apossa-se de mim, em certas epocas, uma inercia verdadeiramente invencivel. E' feita da daença, e, tambem d'um certo abatimento moral em que vou cainda. Se não fossem as boas leituras cam que me entretenho algumas horas, creio que dova em idioto. Sinto-me descer gradualmente. Isto ás veses entristece-me, mas ocobo sempre por me conformor.

Afinal a vida reduz-se a pouco e vale pouco. Pela minha parte, dava de boa vontade a minha por completa e par concluida. Mas a natureza não me faz essa fineza e o suicidio repugna a certos meus sentimentos marais.

Deixo-me pois ir vivenda sem bem perceber porquê e para quê."

A doença avançava. Inpiedosamente, e, um ano depois (em 1875), asseverava a Joãa de Faria e Moia:

"No meu estado de daença, quasi entrevado, pois já é raro que possa sair de casa, que seria de mim se não fosse a leitura?"

Ao grande poeta João de Deus, escrevia Antero em 1882:

"Desculpa-me, mas nem sempre sou senhor da minha vontade, oinda para cousas que pedem um pequeno esforço. Tal é a miseria do meu nervoso!

Em vez de ser senhor dos meus pensamentos e da direcção d'eles, são os pensamentos que me dominam e dirigem."

Em 1885, em uma carta datado de 28 de março, volto a occupar-se do desarranjo singularissimo dos seus nervos, mal que progredia velozmente, até que, em 1888, três anos antes de se ter suicidado, fez esta dolorosa confissão o Henrique das Neves:

"Tal é o estado desgraçada dos meus nervos, que nem para escrever uma carta posso ás vezes, durante largos periodos, contar comigo! Explicar-lhe por miudo esta extravagancia rora, este horror morbido á pena e papel e a toda a redacção que, me acomete, serla tedioso e talvez incompreensivel, pois chego a persuadir-me que os phenomenos singulares que

em mim se dão, só padem ser comprehendidas e explicados por um médico alienista".

Tendo quasi que harrar pela seu semelhante, minado pela doença e pela pessimisma, supando a Patria perdida, o fim de Antero, difficilmente, vencidos os ultimas escrupulos marais, podia deixar de ser diferente daquele que foi.

Afinal, de que é que padecia Antero, para que tão variados e grandes fossem as seus constantes queixumes?

Segundo ele mesmo afirmava, safria de uma doença nervosa que umas vezes a impelia a praticar os mais contradictorias actos, levando-o, noutros momentos, quasi que a adiar a trabalho que, nautras ocasiões amava, sobremada!

Na opinião de médicos illustres (refiro-me neste momento ao Dr. Manoel Bento de Sousa), Antero tinha uma lesão de espinha; segundo o Dr. Charcot, notavel especialista de daenças nervosas, e em cuja casa de saude Antero esteve, em França, por mais de uma ocasião, "de uma doença de mulher, transportada num corpo dum homem — o histerisma", para o que lhe aconselhava a hidraterapia.

Sousa Martins, baseando-se em determinadas estigmas que aponta, conclui que Antero padecia de varios fobias, cuja autenticidade o sr. Dr. Jaime Cortezão contesta no seu interessante livro — "A Arte e a Medicina, Antero de Quental e Sousa Martins"

Sejam, porem, quais forem as fabias de que realmente padeceu Antero, e, de facto, sofreu de algumas, não deve restar a menor duvida de que era um doente de vantade, como muita criteriosamente afirma o sr. Dr. Fidelino de Figueireda, auctor de notaveis estudos de critica literaria, no seu bela livro *Historia da Literatura Realista*.

Alguns das exemplias atraz citados confirmam plenamente esta asserção e mostram, igualmente, parte dos variados achaques que perturbaram a vida do Solitario de Vilo do Conde

Antero, não tendo sido pasivamente um *pontofobico*, nem um *nosafobico*, foi, cantudo, um *fobico*, como se vê de varias escritas seus, analogos ao que passo a transcrever, datado de 26 de novembro de 1873 e dirigido a Oliveiro Mortins:

"Tal sou eu que puz ao serviço da grande e forte idéa este meu pobre espirito, doente e apaixonado, cheio de contrastes e fraquezas, ardente e ca mesmo tempo morbido, recto e justamente subtil, uma creação tão artificial na ardem da intelligencia quanto a é na ordem fisiologica um condessa espiritualista e pallida da *faubourg Saint Germain*".

Sempre estoico e quasi sempre coerente consigo mesma, o drama da vida de Antero de Quental resume-se em duas linhas, por ele escritas:

"Viver não foi em vão, se é isto a Vida
Nem fai de mais a desespero e a dor."

E, porque, ao contrario do que julgava (nem doutro modo se pode explicar), a dor e o desespero foram de mais, de facto, Antero, esquecendo-se de que o suicidio é a maior dos crimes, como disse Camilo, buscou no paz clemente do Nada, o sossego que em vida não pôde ter.

As causas directas e proximas do suicidio de Antero, alem de outras rematas, divisam-se, nitidamente, através das palavras da carta que escreveu, em 30 de Julho de 1891, a Joaquim de Araujo, e que reproduzo no Capitulo IV — O seu "Estilo e a sua Linguagem."

Lisboa, Maio de 1926

Nuno Catorino Cardoso



V E R S O S

INÊDITOS

COELUM APERTUM

Há Céu ou não há Céu?

Era a questão do dia.

—O Céu é uma verdade...

—O Céu é uma utopia...

Este: —Lá diz o Conte...

Aquele: —Disse o Cristo...

E, caso nunca visto,

Calado, a ouvi-los, eu.

Deixei falar os sábios...

Desde que me sorriste,

Eu sei que o Céu existe...

Eu sei onde é Céu:—O Céu é nos teus lábios.

(1895)

A PALAVRAS LOUCAS...

“Trus, trus!” —

“Quem bate?!”

—“O Amor...”

—“Siga caminho!”

—“Não posso mais. A neve cai.

Dá-me um cantinho

Do teu lar; e eu, em paga te darei

Gosos, delicias mil!...”

—“Ah, sim! já sei

O que isso é! Ólá se sei!...”

Não vou na rêde!...”

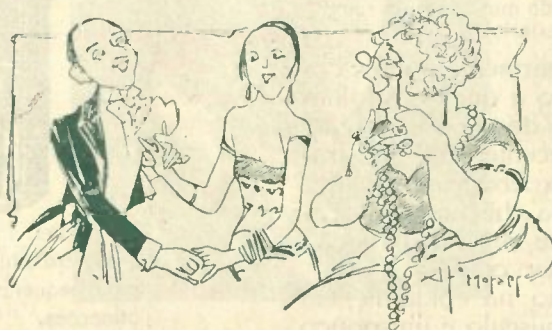
E enquanto o Amor gritava, e tornava a gritar,

O poeta voltou-se p'rá parede,

Fez cruces num bocêjo e pôs-se a ressonar.

(1923)

CARLOS
DE
LE MOS



NOTAS SCIENTIFICAS

POR M. F.

Qual é a luz que devemos escolher?

UM problema que se nos afigura importante, pois da sua interpretação resultam, frequentes vezes, enfraquecimentos e doenças visuais.

Qual a côr da luz que nos deve alumiar? Essa côr deve influir na nossa disposição, no nosso aborrecimento, na nossa fadiga, na nossa alegria e quiçá, na nossa felicidade.

Por agora, prendamos a atenção á iluminação nocturna da nossa casa de trabalho. Devemos escolher uma luz que se assemelhe á do sol? Não falamos dos aparelhos que nos dão luz com quasi todas as propriedades do astro-rei, mas sim das simples lampadas electricas que estão hoje ao alcance de toda a gente. Vejamos pois, algumas das diferentes côres das lampadas: vermelhas, prejudicial por ser fatigante; amarelas, irritante e, quando da côr da óca, enfraquece a vista; verde, embora não seja a melhor por que, em alguns temperamentos, produz tristeza, não é má; azul, é a que, a nosso vêr, não é prejudicial.

O azul destas lampadas provem dum lanho que algumas casas da especialidade lhes dão.

Para cima da nossa meza de trabalho deverá ser colocada, voltada para o tecto, com um bobeche azul, por onde a luz seja coada. A lampada deve ser de filamento nitro, 50 velas, meio watt.

No caso desta lampada cançar a vista, poderá ainda envolver-se por um globo tambem azul, do tom do bobeche em que deve encaixar.

Supomos dever ser esta a côr ideal que devemos escolher.

O sistema nervoso das plantas

A teoria até ha pouco existente a respeito do movimento que muitas plantas têm em procura da luz, do ar, ou mesmo da escuridão, atribue esse facto á ação idio-mecanica. Quando se toca, ao de leve, nas folhas da *mimosa pudica*



Corte mostrando a posição interior do musculo num ramo em que o nervo é exterior

planta que, como sabem, vulgarmente é mais conhecida por *sensitiva* — o ramo a que essas folhas pertencem, murcha. Partindo desta observação, sir Chunder Bose publicou recentemente um trabalho em que apresenta as experiências que fez sobre a sensibilidade da planta chegando a localizar o nervo e o musculo que produz a reacção da impressão transmitida ao nervo.

O nervo é exterior, situado na epiderme, em contacto com o cortex, e o musculo é um pouco

interior, como representa a figura, não se encontrando celulas nervosas no xilema.

Por outro lado, mr. Vidal, fez, tambem recentemente á *Illustration Française*, uma comunicação considerando a orientação das gavinhas para um ponto de apoio, (como sejam troncos de outras plantas) attribuindo esse movimento a acções nervosas e explicando: a gavinha encontra um obstaculo, os seus nervos são impressionados e o musculo produz uma contração de tecidos. Em seguida, o tecido da planta forma uma helice que balança e vai novamente encontrar o obstaculo. Nova contração que produz, porém, o encarquilhamento da gavinha que abraça, então o obstaculo.

As duas opiniões de um cientista inglês e um francês, coincidindo no tempo em que foram expendidas, não só não deixam de interessar como nos fazem supôr que caminhamos para a descoberta de um novo sentido da planta. Esperemos.

O tabaco das nossas colonias

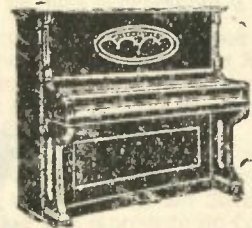
UM leitor benévolo escreve-nos constestando a opinião que aqui expendemos, acerca da proibição da importação de tabaco em folha que não seja oriundo das nossas colonias. Concedemos que, em novo regíme, porque o regíme do tabaco em que estamos deve ser provisorio, se permita a importação de uma pequena percentagem de folha de tabaco de varias origens, para os paladares *rafinés*. Mas que é quasi um crime abandonarmos o nosso tabaco colonial, não tenha duvida o nosso correspondente.

E depois ha a considerar que o tabaco não é um artigo de primeira necessidade. É um fumador — por seu mal — quem lh'o afirma. Demais, fumar deste ou daquele, é uma questão de habito.

E porque não sacrificar um habito, substituindo-o por outro, quando essa substituição tem um fim utilissimo para a comunidade? Não, meu caro correspondente, defendamos o tabaco colonial. Temos o dever, fumando, de o consumir.

CASA GOUVEIA MACHADO

Rua Alves Correia, 152
(Antiga Rua de S. José) Lisboa.
TELEFONE N. 4306



Pianos, instrumentos, para bando, orquestra e tuna etc. Oficina de pianos, para pequenos e grandes reparações e afinações.



PROMETEU a "Alma Nova", no seu primeiro número da presente série, fazer a propaganda e defesa das ilhas adjacentes, não só no que respeita aos seus valores económicos, mas ainda ás suas mais representativas figuras políticas e intelectuais.

Cabe hoje a vez de apresentarmos algumas notas sôbre o ilustre aristocrata e historiador local sr. Marquês de Jácome Corrêa, autor da *História da Descoberta das Ilhas*, trabalho de vasta erudição e ajustado senso histórico, que recentemente fez publicar.

O sr. Marquês de Jácome Corrêa pertence a uma das mais ilustres famílias micaelenses. Nasceu em agosto de 1883, herdando á morte de seu pai, em 1895, o título de Conde, e concedendo-lhe em 1901 S. M. El-Rei D. Carlos o de Marquês. De 1904 a 1910 esteve como adido extraordinário na Legação de Londres, cargo que por doença foi forçado a abandonar, voltando a fixar residência na Ilha, onde logo o elegeram Presidente da Liga Micaelense de Instrução Pública — uma associação que tinha por fim divulgar a instrução —, tendo-se fundado, sob a sua presidência, bibliotecas freguesiais em todas as paróquias, anexas ás escolas primárias e a cargo dos seus professores; uma aula de renda de bilro, donde saíram bordadeiras hábeis, e, no concelho de Ribeira Grande, uma escola móvel agricola, da organização Maria Cristina, com séde no Porto.

A tentativa, que tomou, de democratização da referida Liga, fazendo entrar as principais classes interessadas com uma pequena quota, obrigou a fechá-la.

Foi eleito procurador à Junta Geral, pelo concelho de Lagôa, em 1913, e esteve na dita corporação até ao governo dictatorial de Sidónio Pais.

Em 1918 propoz-se a deputado, com um programa descentralizador e autonomista em que estabelecia a constituição administrativa para o Governo do Districto, nas seguintes bases gerais:

— "Sufrágio extenso e eleições directas, para a junta geral — de character legislativo —, transformando a Comissão Executiva em Govêrno e criando o referendo popular para medidas de interesse local e geral de grande

AÇOREANOS ILUSTRES ▲ O ▲ MARQUÊS DE JÁCOME CORRÊA

importância, por obrigações e por requerimento dum certo número de eleitores."

O Marquês de Jácome Corrêa foi, porém, batido. O partido local sidonista apoiou candidatos de feição partidária.

Em novembro de 1925 tentou novamente, aproveitando o movimento autonomista donde saíram os deputados srs. Filomeno da Câmara e Amorim Ferreira, obter o apoio do partido Regionalista (antigo Sidonista), mas já era tarde e teve que

abandonar o intento, como fez o candidato António Hintze Ribeiro, que começou a propaganda nas mesmas circunstâncias.

Até aqui o político. Como escritor e jornalista o sr. Marquês de Jácome Corrêa, que pertence à Associação dos Arqueólogos, Instituto de Coimbra e Sociedade de Geografia de Lisboa, tem publicado vários artigos sôbre a Cidade Velha de Ponta Delgada; dirigiu a *Revista Michaelense*, onde assinou importantes estudos; fez imprimir cartas particulares do sr. José do Canto para José Jácome Corrêa e Pedro Jácome Corrêa, respectivamente seu tio e seu pai; editou e colaborou nos ultimos 5 numeros do *Arquivo dos Açores*, dirigido pelo Coronel F.^{co} Afonso Chaves, e escreveu os curiosos trabalhos "Leituras sôbre a História do Vale das Furnas" e a "História da Descoberta das Ilhas", a que acima nos referimos.

O sr. Marquês de Jácome Corrêa é também um *sportman* distinto. Detem, talvez, entre os portugueses, o *record* de turismo automóbilico, tendo feito a Irlanda, sul da Escóssia, do norte da Itália (Alpes) ao Golfo de Genova, toda a França, de norte a sul, a Suíssa, a Bélgica, Holanda, Inglaterra, norte da Espanha, Galiza, norte de Portugal, até ao Tejo.

Frequentou as salas d'armas de Merks, em Bruxelas; de Bertrand, em Londres, e do prof. António Martins, em Lisboa.

Organizou, com um grupo de amigos, os dois primeiros "teams" de "fut-bol" de Ponta Delgada em 1898.

Guia a 4 e a tandem; ensinou mesmo cavalos de montaria e tiro, e tem duas filhas, uma de 6 e outra de 7 anos, que, se tiver saude e vida para as educar, espera fazer delas duas heroínas...



Marquês de Jácome Corrêa

AVENTURAS DE QUI-QUI-RI-QUI

EXCERTO DO LIVRO "CONTOS PARA CRIANÇAS" E ONDE SE DESENROLA UM BELO QUADRO DA VIDA ALGARVIA



ERA á hora do meio-dia. O galo e o melro iam atravessando uma povoação do litoral, não cessando de voar. Os homens são tão traícoeiros para as pobres aves!

Do interior das casas vinha um tinir forte de metais e o ruído de pedras que rolavam.

Eram as mulheres que lá dentro, sentadas no chão, á moirisca, pisavam na almofariz as especiarias e moíam, nas mós caseiras, o milho para o jantar.

De vez em quando paravam em seu labutar e vinham á porta da rua. Mas nem ali estavam bem:

— Uff! que calor de abrasar!

Nas cêrcas, nos quintais, as plantazinhas sequeiosas inteiriçavam as folhas amareladas; dir-se-ia que juntavam áqueles os seus lamentos:

— Temos tanta sêde, e nem uma gotinha de água que vem do céu!

Numa casa á réz do mar (corria um belo fresco), estavam sentadas á porta duas vélhinhas. Uma fazia empreita, a outra ia cosendo ás tiras, uma esteira.

— Este ano em Fevereiro fez um frio... O ladrilho .. era neve. Que seria de mim, vizinha, que seria, sem uma esteirinha!

— Diga-me cá... — confirmou a outra. — Ora sem ela, êste ano já vossemecê não fica, que com cêdo se apreatou.

E aí se põem a trabalhar com tal afinco que nem que o inverno estivesse á porta.

Pelas soteias, ao sol, secava em esteiras o figo e a alfarrôba.

O melro prezava-se de erudito, não perdendo jámais o ensejo de instruir o seu amigo.

— Não sei se sabes Qui-qui-ri-qui, que depois de sêcos e torrados no forno de coser pão, o figo e a alfarrôba são um dos mantimentos dos pescadores quando vão para o mar, como em terra o são da gente pobre.

— Ora — atalhou o galo enfadado — isto são mesmo horas de dar lição! Eu agora antes queria é que me dessem de comer.

— Pois olha que já ouvi, não sei onde, que p'ra aprender nunca é tarde.

— E eu então, digo que p'ra comer nunca é cêdo, ora aí está.



Iam voando agora sôbre um recinto descoberto vedado por uma rêde. Andavam lá dentro uns rapazes a correr. E muita gente sentada em volta, batia as palmas com furor.

— Que é aquilo? — interrogou o galo, a quem o imprevisto da scena fazia esquecer as horas.

— E' um desafio de Fôot-ball.

— Ih! — tornou êle, — que terá a bala lá dentro, que é quem mais pode correr atrás dela, já viste?

— Os homens — criticou o melro — só pensam em imitar-nos. Voam como as aves, nadam como os peixes e até a correr nos imitam. Ah! se não fossem os animais que lhes ensinaram a arte de viver, seriam hoje tão rudes como o seu primeiro avô!



— Parece impossível é que tivesses conhecido, — obervou o galo de boa-fé.

— E sabes, Qui-qui-ri-qui, — continuou o melro, sem o ouvir, — que até dizem os livros que no principio do mundo os homens vestiam a pele do lobo e do urso? Vê tu que espirito de imitação!

— Sim? — fez o galo pasmado.

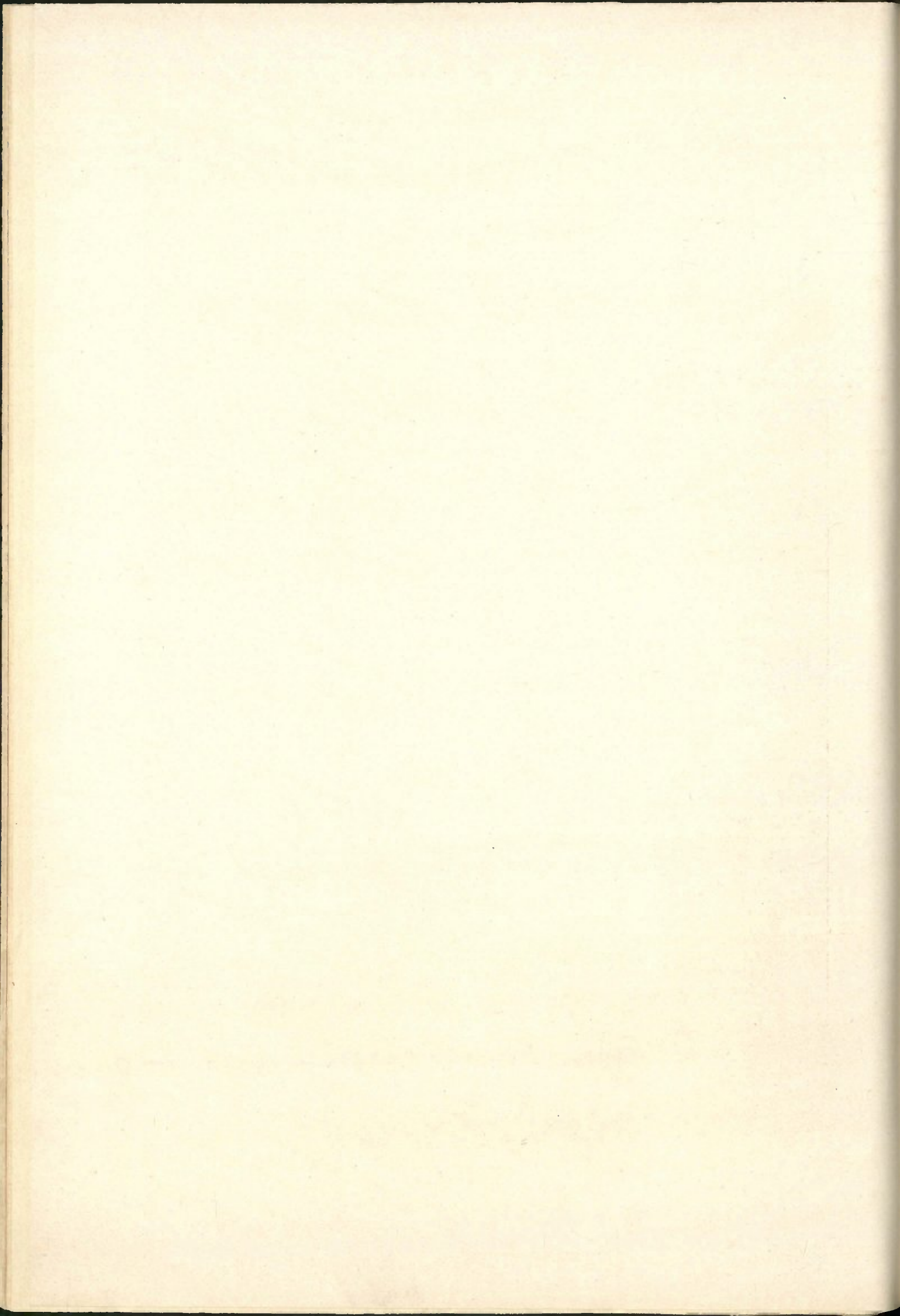
A êste tempo iam já saindo os dois da povoação.

— Bravo! — exclamou o melro, — assim irás longe, muito longe!

Mas ao pobre galo era o mêdo de ser visto que lhe dava alento. Quando foram poisar numa acácia frondosa, á beira duma estrada, como arquejava de cansado!

BRANCA LOPES





LIVRARIA
SÁ DA COSTA
LARGO DO POÇO NOVO, 12
LISBOA

DEPOSITARIA DOS LIVROS:

SANGUE D'EPOPEIA -- A Artilharia Portuguesa na Flandres, por Mateus Moreno, tenente de Artilharia, 1 vol.	4\$00
NA GUERRA E NA PAZ -- SINFONIA MACABRA. Id., (3 ed).....	2\$00
MINHA PATRIA -- Poema em 3 livros e 3 jornadas, id. Id., 2.ª edição broch., 3\$00. cada livro.....	1\$00
CANTIGAS -- (2.ª edição, por Rebelo de Bettencourt, com prefácio de Luiz Chaves, 1 vol. broch.....	2\$50
O ES DE ANACREONTE -- por Luis Calado Nunes.....	2\$50
CAMPANHAS CAMILIANAS -- por Oldemiro César e Cruz Magalhães, 1 vol. broch. com il. de Rafael Bordalo.....	5\$00
«ALMA NOVA» vol. I, II e III da 3.ª série, cada, enc. 2\$500 broch.....	1\$500
O INVEROSIMIL -- Conferencia Proibida, original do insigne escritor e moralista Lord Pechincha de Nadavale.....	2\$00
A EDUCAÇÃO MORAL -- Pelos exercícios de redacção, (com a metodologia deste ensino), por José Guerreiro Murta, professor de liceus, recomendado pelo D. do Governo.....	4\$00
DA VEROADE, por João José Gomes....	2\$50
EÇA DE QUEIROZ -- «Revelado por uma linstre senhora de uma família» D. C. d'Eça de Melo.....	2\$50
CONTOS PARA CRIANÇAS, por D. Branco Lopes Martins, com ilustrações de Roberto Nobre (Ed. Maranus -- Porto).....	8\$00
A ENTREVISTA, por Cruz Magalhães, 1 op. il.....	1\$00

MISTERIÓS DO SILÊNCIO

VERDADES LUMINOSAS

«O eterno fim do universo é o evolução do espirito. A materia não se cria nem se destrõe, transformo-se. O espirito, unindo-se á materia, em contacto com o fluido vital, produz o vida».

O HOMEM È OU NÃO DESCENDENTE DO MACACO?

CADA LIVRO DE 220 PAGINAS, 3\$00

Pedidos a esta redacção

Quinarrhenina

dá força e apetite

DAMIÃO & C. TA

Especialidade
em fatos, vestidos
e chapéus
para crianças

57, R. GARRETT, 59
LISBOA

PENSIONATO LICEAL
JOÃO DE DEUS

Alunos internos, semi-internos e externos

R. Infante D. Henrique 122

FARO

Reabre em Outubro, principio do ano lectivo, esta casa de estudo com apollo, alimentação, arronjo de roupa e ensino para os alunos do curso dos Liceus até à 5.ª classe.

Está aberto desde já o inscriçõ dos alunos, pois que convidando os estes pertencerem ás mesmas turmas é do maxima conveniencia para todos os que desejem frequentar o Pensionato fozerem a sua inscriçõ antes da abertura dos aulas do Liceu.

Curso de explicações para alunas até á 5.ª classe

Pedir prospecto-relatório o:

ANIBAL F. ALEXANDRE
FARO (Algarve)

MIGUEL MONTEIRO

(TRÁS-OS-MONTES) VILA REAL

RUA TRINTA E UM DE JANEIRO, 43

ooo

Correspondente das melhores fabricas estrangeiras de fototipias artisticas, tais como bihetes postais com vistas, albuns, panoramas de todos os formatos, estampas de qualquer espécie, etc.
Editor dos postais de Vila Real, reproduzindo os seus motivos históricos, as suas Avenidas, Fontes, Palácios e Castelos. A mais completa coleção até hoje editada.

Encarrega-se de edições de vistas para qualquer terra do país, a preços vantajosos, executando também as reserivas fotografias para esse fim, com completos conhecimentos da arte.

PEDIR ORÇAMENTOS

ARTIGOS DE PINTURA
E ARTE APLICADA
TINTAS PARA AGUARELA E OLEO
OA ACREDITADA MARCA (LEFRANC)
PAPELARIA
EMILIO BRAGA, L. DA

ARTIGOS DE PAPELARIA, TIPOGRAFIA E ENCADERNAÇÕES
OBJECTOS PROPRIOS
PARA BRINDES, ETC.
59, RUA NOVA DO ALMADA, 61
LISBOA
TELEFONE 3584 C.
SÃO EXPECIDOS PARA A PROVINCIA COM TODA A PRONTIÃO

“A ESTREMA DURENSE”

EMPRESA INDUSTRIAL E COMERCIAL, L. DA

COMISSÕES, CONSIGNAÇÕES

CONTA PROPRIA

IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO

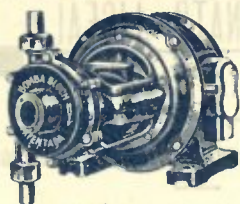
Armazens de mercearias e bacalhau por atacado e a retalho

Fornecedores do exercito de terra e mar e dos navios mercantes nacionais e estrangeiros

ESCRITORIO - R. DOS BACALHOEIROS, 166, 168 — TELEFONE 2358 C.

ARMAZENS - T. DO ALMADA, 20 - R. DA PADARIA, 20

LISBOA



BOMBA-BLOCH

PARA ELEVAÇÃO
de água, vinhos, azeites,
ácidos, etc. etc.

A unica que não precisa lubrificação

Toda em bronze fosforoso

VENDA: Nas casas de electricidade e maquinaria do Paiz

INFORMAÇÕES: MARIO PALAU ROURA

Rua Rodrigo da Fonseca, 45

Telefone N. 1234 — LISBOA

PREFIRAM AS TINTAS **INDIANA**

RIVALISAM COM AS ESTRANGEIRAS

AS COLAS E LACRES «ALEXANDER»

:: :: SÃO OS MELHORES :: ::

TINTAS PARA COPIOGRAFOS E MARCAR

ROUPA EM TODAS AS CORES

MENDES PEREIRA & F.^o, L.^{da}

CAMPO GRANDE, 243-TELEF. CAMPO GRANDE 1

::: LISBOA :::

Quereis os VOSSOS RELOGIOS BEM REGULADOS?
Quereis um BOM RELOGIO DE SALA OU DE ALGI-
BEIRA, ou um BOM DESPERTADOR POR POUCO
DINHEIRO?

Visitae a

RELOJOARIA E FOTOGRAFIA

DE

ANTONIO SIMÕES DE CARVALHO

Na RUA MOUSINHO DE ALBUQUERQUE

ou na Feira em SANTA COMBA DÃO

CONCERTOS, COMPRAS E VENDAS

ADMITEM-SE APRENDIZES



RELOJOARIA ALIANÇA

DE

A. SANTOS

55, RUA 4 DE INFANTARIA, 55

Compra e vende objectos de ouro, prata,
relogios, gramofones, discos, etc.

Concertos garantidos em relogios,
ouro, prata, caixas com musica e gramofones

Recebe ENCOMENDAS para a PROVÍNCIA
QUE SÃO EXPEDIDAS COM TODA A PRONTIDÃO

Estas encomendas devem vir registadas

MOSAICOS

GOARMON & C.^a

A MAIOR FABRICA DO PAÍS

Escritorio: T. do Corpo Santo, 17, 19 e 21—R. do Corpo Santo, 32

LISBOA

A maior produção de Portugal

Os de melhor fabrico

Resistentes

Duraveis

Impermeaveis

As maiores vantagens

Artigos de cimento armado

Artigos sanitarios

Pintura artistica em azulejos: Santos, paisagens,
fotografias, etc.

AZULEJOS

CIMENTOS

OUTROS MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

TELEFONE CENTRAL 1244

GRAMOFONES, com e sem campanula, e em formato de malinhas, das me-
lhores marcas.

DISCOS, cantados e tocados pelas maiores celebridades mundiaes, operas com-
pletas, reportorio sinfonico e de camara, canções fados e danças modernas
por Jaz-Band, etc. = OFICINA DE REPARAÇÕES E VENDA DE ACESSORIOS

PREÇOS SEMPRE

DE COMBATE

CASA GOUVEIA MACHADO

RUA ALVES CORREIA, 152—LISBOA (ANTIGA S. JOSÉ)

Telefone N. 4306

